

JOÃO PEREIRA COUTINHO

# AS IDEIAS CONSERVADORAS

EXPLICADAS A  
REVOLUCIONÁRIOS  
E REACIONÁRIOS

 TRÊS  
ESTRELAS

Copyright © 2014 Três Estrelas – selo editorial da Empresa Folha da Manhã S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem a permissão expressa e por escrito da Empresa Folha da Manhã S.A., detentora do selo editorial Três Estrelas.

**EDITOR** Alcino Leite Neto

**EDITOR-ASSISTENTE** Bruno Zetti

**COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA** Mariana Metidieri

**PRODUÇÃO GRÁFICA** Iris Poluchini

**CAPA** Ellane Stepitan

**IMAGEM DE CAPA** O filósofo e político irlandês Edmund Burke, em gravura do livro *Histoire de France populaire*, de Henri Martin, publicado no século XIX – Rue des Archives/Paris/stock

**PROJETO GRÁFICO DO MIOLO** Mayumi Okuyama

**PREPARAÇÃO** Jeda Leberenzayni

**REVISÃO** Carmen T. S. Costa e Lila Zanetti

**ÍNDICE REMISSIVO** Caci Mattos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coutinho, João Pereira

As ideias conservadoras explicitadas a revolucionários e reacionários / João Pereira Coutinho. – São Paulo: Três Estrelas, 2014.

ISBN 978-85-55339-29-4

1. Ciências políticas. 2. Conservadorismo. 3. Ensaios políticos.  
4. Filosofia política. I. Título.

14-00516

CDD-320

Índice para catálogo sistemático:  
1. Ciências políticas. 320

Este livro segue as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.



Al. Barão de Lamira, 401, 6º andar  
CEP 01201-900, São Paulo, SP  
Tel.: (11) 3274-9386/21872192  
ed.ite@trêsestrelas@editoraestrelas.com.br  
www.editoraestrelas.com.br

# A ideologia conservadora

Todos somos conservadores. Pelo menos, em relação ao que estimamos. Família, amores, amigos. Lugares, livros, memórias até. *Conservar* e *desfrutar* são dois verbos caros aos homens que ainda estimam alguma coisa. E, em alguns espíritos, esses verbos são conjugados com maior intensidade e frequência, a ponto de se transformarem na sua gramática essencial.

Eis os homens de *disposição* conservadora, para usar a eloquente formulação de Michael Oakeshott no clássico ensaio "On Being Conservative" [Sobre ser conservador] (1956). Antes de ser "ideologia" ou "doutrina", a intenção do autor é apresentar o conservadorismo como uma *disposição* — uma forma de ser e agir que levará o conservador a "usar e desfrutar aquilo que está disponível, em vez de desejar ou procurar outra coisa".<sup>1</sup> Naturalmente que o conservador sabe, ou pelo menos intui, que essa "outra coisa" pode ter virtudes apreciáveis. E, em teoria, é possível imaginar que tais virtudes possam suplantar os confortos do presente.

Um homem de *disposição* conservadora, porém, tenderá a valorizar primeiro esses confortos do presente. Não porque eles sejam superiores a uma alternativa hipotética, mas,

precisamente, *porque eles não são uma alternativa hipotética*. São reais, tangíveis. Familiares. E a possibilidade de os perder em situações de mudança, e sobretudo de mudança violenta e repentina, afigura-se como uma privação fundamental. Para um conservador, só abraçam entusiasticamente a mudança, qualquer mudança, e conseqüentemente qualquer possibilidade de perda, "aqueles que são estranhos ao amor e ao afeto".<sup>2</sup> E conclui Oakeshott em passagem repetidamente glosada nos manuais do tema:

Ser conservador, então, é preferir o familiar ao desconhecido, o testado ao nunca testado, o fato ao mistério, o atual ao possível, o limitado ao ilimitado, o próximo ao distante, o suficiente ao abundante, o conveniente ao perfeito, o riso presente à felicidade utópica.<sup>7</sup>

Essas conhecidas palavras de Oakeshott procuram recolher e sintetizar o que vários autores do cânone conservador já tinham articulado em obras de fôlego diverso. São incontáveis os tratados sobre o conservadorismo que, nas páginas iniciais, evitam com apreciável esforço a palavra "ideologia" e tudo o que ela parece significar: um sistema de valores ou princípios gerais que, na melhor tradição marxista, não deseja apenas interpretar o mundo, mas, sobretudo, transformá-lo.

Para Quintin Hogg, o conservadorismo é "uma força interior e constante"<sup>4</sup> da natureza humana. No mesmo sentido, Fossey John Cobb Hearnshaw apresenta o conservadorismo como "um temperamento".<sup>5</sup> Stanley Baldwin vai mais longe,

falando de uma “fé”, muito semelhante à fé religiosa,<sup>6</sup> uma caracterização que evita, providencialmente, qualquer análise racional do fenômeno. Para o escritor John Buchan, o conservadorismo é um “espírito”;<sup>7</sup> ou, melhor ainda, um “instinto”,<sup>8</sup> nas palavras de Walter Elliot. E Hugh Cecil, pronunciando a “disposição” de Oakeshott, entende que o conservadorismo seria mais bem entendido como “uma inclinação pura e natural da mente humana”.<sup>9</sup>

Todas essas definições parecem apontar para o mesmo sentido: o conservadorismo apresenta uma dimensão existencial que é anterior, ou até superior, a qualquer ideologia política. Mais ainda: o conservadorismo *não* é uma ideologia, preferindo encontrar refúgio identitário em “forças interiores”, “temperamentos”, “fés”, “espíritos”, “instintos”, “inclinações” – e, claro, “disposições”. A fuga à ideologia é de tal forma generalizada e premente para essa longa galeria de conservadores – uma fuga que teria mesmo levado o primeiro-ministro britânico Salisbury a pensar em criminalizar todo tipo de pensamento abstrato<sup>10</sup> – que por vezes é impossível distinguir com alguma clareza a disposição conservadora do *conservadorismo político*.

A superior validade do ensaio de Oakeshott também reside aqui: na capacidade que o autor teve para operar essa sutil distinção. Tão sutil que ela nem sempre foi respeitada ou observada pelos próprios conservadores, para quem uma disposição conservadora chegava e sobrava para encerrar o debate.

Acontece que, por mais paradoxal que pareça, a disposição conservadora e o conservadorismo político nem sempre

coexistem no mesmo indivíduo. E não é preciso apelar para nenhum tratado filosófico para comprovar essa sagaz observação. Basta olhar em volta. Basta olhar para o nosso “pequeno pelotão”. Basta olhar para nós. Existem pessoas que, apesar de uma disposição conservadora, não subscrevem necessariamente uma preferência política pelo conservadorismo. E o inverso também sucede: pessoas de disposição mais radical nas suas personalíssimas condutas que, politicamente falando, subscrevem posições conservadoras. No último capítulo voltarei a essa distinção de Oakshott, que será mais bem compreendida como conclusão lógica das páginas que a antecederam.

Por enquanto, importa apenas afirmar que este ensaio se ocupa do conservadorismo político, ou seja, da atuação política do agente conservador. E começar por definir essa atuação será reconhecer que, embora uma disposição conservadora nem sempre implique uma preferência pelo conservadorismo político, a verdade é que uma política conservadora tenderá a partilhar os traços característicos da disposição conservadora *tout court*. Tal como os homens de disposição conservadora, o conservadorismo político também transportará para a esfera da governança esse gosto pelo próximo, pelo suficiente, pelo conveniente – recusando a “felicidade utópica” que é típica da atitude revolucionária.

Uma disposição política conservadora, no entanto, não recusa apenas as ambições utópicas (e futuras) dos revolucionários. Ela permite, igualmente, distinguir o conservador da sua caricatura habitual: o reacionário. Nas palavras de Anthony Quinton, o reacionário não será mais do que um “revolucionário do

avesso":<sup>11</sup> alguém interessado em efetuar um corte semelhante com o "riso presente", de forma a precipitar a sociedade, não para uma "felicidade utópica" futura, mas para uma "felicidade utópica" passada. No fundo, e como escreve Samuel Huntington em *Conservatism as an Ideology* [Conservadorismo como ideologia] (1957), um influente ensaio publicado nos Estados Unidos um ano depois do de Oakeshott:

Não existe uma distinção válida entre "mudar para trás" e "mudar para a frente". Mudança é mudança; a história não se retrai nem se repete; e toda a mudança se afasta do *status quo*. À medida que o tempo passa, o ideal do reacionário distancia-se cada vez mais de qualquer sociedade real que tenha existido no passado. O passado é romantizado e, no fim, o reacionário acaba por defender o regresso a uma Idade de Ouro idealizada que nunca de fato existiu. Ele torna-se indistinguível de outros radicais, e normalmente exhibe todas as características singulares da psicologia radical.<sup>12</sup>

As palavras de Huntington são importantes porque relembram uma verdade que os reacionários tendem a esquecer: a utopia, entendida como um estado de perfeição a ser construído por vontade dos homens, não é exclusivo dos revolucionários que eles tanto abominam. Histórica e conceptualmente, e tal como Isaiah Berlin deixou claro nos seus melhores textos, é possível encontrar radicais utópicos nos dois extremos do horizonte político. Historicamente, porque o pensamento utópico sempre projetou no passado ou no futuro a "solução final" para as iniquidades que afligem o presente.<sup>13</sup> E, conceptualmente,

porque reacionários e revolucionários parecem atribuir às suas particulares utopias as mesmas feições exteriores: um mundo harmonioso, estático e onde os homens, porque dotados de uma natureza fixa e inalterável, desejam necessariamente as mesmas coisas.<sup>14</sup>

Um conservador tenderá a recusar essas fantasias, que partem de uma dupla falácia superiormente desmontada pelo referido Berlin: por um lado, a falácia de que os homens possuem uma natureza fixa e inalterável e que, por isso, desejam necessariamente as mesmas coisas; e, por outro lado, a falácia correspondente de que os valores mais caros à existência humana podem ser vivenciados na sua expressão máxima (a máxima liberdade, a máxima igualdade, a máxima fraternidade) sem possibilidade de conflito entre eles. Uma revisitação melancólica do tenebroso século XX é suficiente para contemplar as ruínas materiais e humanas que o pensamento utópico, porque montado nessa dupla falácia, acabou fatalmente por produzir.

O conservadorismo político recusa os apelos do pensamento utópico, venham eles de revolucionários ou reacionários. Mas o conservadorismo não se limita apenas a recusar esses apelos utópicos, que fazem da fuga para o futuro (ou para o passado) um programa de ação no momento presente. O conservadorismo, por entender o potencial de violência e desumanidade que a política utópica transporta, irá também reagir defensivamente a tais apelos – e “reagir” é a palavra crucial para entender o conservadorismo *como ideologia*.

Foi novamente Huntington quem melhor apresentou essa natureza *reativa* do conservadorismo como ideologia, mesmo

sabendo que a palavra é um anátema para muitos conservadores. A multiplicação de “forças interiores”, “temperamentos”, “fés”, “espíritos”, “instintos” ou “inclinações” é a expressão mais evidente desse desconforto em perceber o conservadorismo como uma ideologia. Um desconforto que levou Friedrich Hayek, ironicamente tido hoje como um membro da família conservadora (sobretudo nos Estados Unidos), a explicar nas páginas finais do seu magistral estudo *The Constitution of Liberty* [A constituição da liberdade] (1960) por que motivo não era um conservador. E a recusa de Hayek em se sentir parte do clube liga-se, entre outras razões, ao fato de o conservadorismo ser, pelo menos aos olhos do ilustre economista, uma ideologia destituída de “princípios motrizes capazes de influenciar desenvolvimentos a longo prazo”.<sup>15</sup> É exatamente por isso, acusa Hayek, que o conservador “teme novas ideias porque não tem princípios distintivos próprios para se opor a elas”.<sup>16</sup>

Ora, a importância pioneira do ensaio de Huntington está na defesa explícita de que o conservadorismo *também é uma ideologia*, mesmo se admitindo que o conservadorismo não apresenta esse “ideal substantivo”<sup>17</sup> e que não é possível encontrar na história das ideias uma “utopia conservadora”<sup>18</sup> propriamente dita. Só que, para ele, essa ausência de uma cartilha *a priori* (e de “conservadores utópicos” dispostos a lutar e até a morrer por ela), para além de ser uma virtude *em si mesma*, revela também o tipo de ideologia que o conservadorismo será: uma ideologia que, ao contrário das rivais, tenderá apenas a emergir quando “os fundamentos da sociedade são ameaçados”.<sup>19</sup>

Essa natureza vigilante e reativa será mais facilmente apreensível quando confrontarmos a ideologia conservadora com as restantes. “Os ideais das ideologias não conservadoras”, escreve o autor, “mudam de pensador para pensador e de geração para geração, mas as suas características fundamentais permanecem as mesmas: a atribuição de valor a formulações teoricamente definidas e o julgamento da realidade existente de acordo com essas formulações”.<sup>20</sup>

De fato, e deixando de lado os casos extremos das ideologias radicais, como o comunismo ou o fascismo, mesmo ideologias não radicais como o liberalismo ou o socialismo democrático parecem comungar desta observação de Huntington: um liberal ou um socialista democrático poderão alinhar, sem grande dificuldade, os princípios que orientam as suas ideias ou ações políticas, independentemente do contexto em que elas se inscrevem. A defesa da liberdade ou da igualdade será tão relevante para um liberal ou para um socialista democrático do século XIX como será para um liberal ou para um socialista democrático do século XXI. O liberalismo e o socialismo democrático, apesar das suas múltiplas roupagens temporais ou espaciais, são capazes de partilhar um ideário que lhes confere uma reconhecível identidade. E, pela mesma ordem de ideias, uma sociedade será tão mais desejável quanto maior for a liberdade (para um liberal) ou a igualdade (para um socialista democrático) nela existentes.

Isso não parece acontecer na ideologia conservadora. “O conservadorismo é uma ideologia posicional”, explica Huntington, na medida em que procura “enfrentar uma necessidade

histórica específica”. Conseqüentemente, “quando essa necessidade desaparece, a filosofia conservadora submerge”,<sup>21</sup>

Enganam-se assim os que pensam que o conservadorismo não é uma ideologia. Para Huntington, esse engano recorrente só poderá ser explicado se partirmos do pressuposto de que todas as ideologias têm de ser obrigatoriamente “ideologias ideacionais”,<sup>22</sup> ou seja, ideologias que procuram cumprir em sociedade um programa ou um ideário políticos. O fato de o conservadorismo, pela sua natureza *reativa* e *posicional*, não ser uma ideologia ideacional não significa que ele não é também uma ideologia.

O conservadorismo poderá ser assim apresentado como uma “ideologia de emergência” – e no duplo sentido da expressão: porque emerge em face de uma ameaça específica de caráter radical; e porque o faz quando essa ameaça põe em risco os fundamentos institucionais da sociedade. Quando, na sua autobiografia intelectual, o filósofo Roger Scruton confessa que se descobriu conservador ao confrontar-se com a insurreição de Maio de 1968, em Paris,<sup>23</sup> ele apenas retomava um velho cardápio iniciado por Burke no fim do século XVIII, e também a propósito de um acontecimento francês (*et pour cause...*): a Revolução de 1789. Será perante a Revolução que o parlamentar irlandês irá elaborar a suprema defesa conservadora. Não em nome do passado ou do futuro – mas em nome do presente da civilização europeia e, em particular, da própria estabilidade política do Reino Unido.

As *Reflexões sobre a Revolução na França* serão escritas em 1789 e publicadas no ano seguinte – antes de os jacobinos

começarem a guilhotinar os seus inimigos, reais ou imaginários, com assombrosa industriiosidade. Mas Burke vislumbrou nos princípios dos revolucionários o germe de abuso e violência que eles inevitavelmente plantariam na França. A Revolução lançava-se na busca de uma perfeição terrena por meios exclusivamente humanos; tratava-se, conforme ele a designou, de uma “revolução filosófica”,<sup>24</sup> em que os revolucionários, alicerçados em doutrinas políticas abstratas sobre os “direitos do homem”, encaravam a comunidade como se esta fosse uma *carte blanche*<sup>25</sup> para as suas visões da perfeição.

A reação de Burke – a reação conservadora de Burke – começa assim por se apresentar contra a radicalidade de quem procura destruir o presente para inscrever, sobre as suas ruínas, novas formas de organização política. Uma atitude revolucionária, e não apenas reformista, que convidaria sempre a renovados atos de destruição. Quando está em causa a perfeição da humanidade, faz parte do processo revolucionário não questionar a desmesura dos meios e a ferocidade com que eles são aplicados. O prêmio final é demasiado precioso para inspirar condutas de moderação. E, além disso, “os meios criminosos, uma vez tolerados, são rapidamente os preferidos”.<sup>26</sup> Nas suas *Reflexões*, Burke antecipava a lógica sinistra dessa violência “necessária” e “purificadora” que os movimentos totalitários do século xx levariam a outros extremos de desumanidade.

O conservadorismo pode ser encarado, portanto, como uma ideologia. Mas não será uma ideologia *ideacional* e *ativa*,

como as restantes. Aceitando como princípio de análise a proposta de Huntington, o conservadorismo será antes uma ideologia *posicional* e *reativa*: é perante uma ameaça concreta aos fundamentos institucionais da sociedade que a ideologia conservadora desperta, reage e se define.